

JOÃO ANTÔNIO E O AGENCIAMENTO COLETIVO DA ENUNCIÇÃO

Ana Maria Esteves
UERJ

No artigo “Corpo-a-Corpo com a Vida”, publicado em *Malhação do Judas Carioca*, pela Civilização Brasileira, em 1975, João Antônio explicita seu compromisso com a realidade do país e apresenta-nos o que, na sua opinião, é a principal missão da literatura: “ser a estratificação da vida de um povo e participar da melhoria e da modificação desse povo. Corpo-a-corpo. A briga é essa. Ou nenhuma”.¹ Esse seu propósito será levado às últimas conseqüências. Através de um *olhar de dentro*, assume a posição de quem faz parte dos acontecimentos, de quem está no mundo, na arena, no espaço da vivência, “jamais como um observador”. Tudo isso por acreditar que uma atitude realista tenha vocação de análise crítica, de valor político, e não apenas de cópia da realidade. E as crônicas serão utilizadas pelo escritor como instrumento para a concretização de seus anseios.

Em “O frívolo cronista”, Drummond define a crônica como a representação daquilo que não caberia em certos espaços do jornal, tidos como “nobres”, como aqueles reservados à “informação apurada” às “altas missões”. Nela caberia o “inútil” em sua utilidade particular; “gavetas de miudezas” – espaço descompromissado, “canto de página”, lugar ideal para que “os nadas de uma existência” ganhem voz.²

Antonio Candido, ao classificar a crônica como “gênero menor”, justifica: “(...) Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas.”³ A isso, acrescenta: “Graças a Deus”, porque essa pequenez a aproximaria de nós, de nossos anseios cotidianos, falando-nos mais de perto.

¹ ANTÔNIO, João. “Corpo-a-Corpo com a Vida”. In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

² ANDRADE, Carlos Drummond de. “O frívolo cronista”. In: *Boca de Luar*. Rio de Janeiro: Record, 1998, 9ª ed.

³ CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Rés-do-chão” (Prefácio). In: *Para gostar de ler: crônicas / Carlos Drummond de Andrade ...* [et al.]. – Ed. Didática. – São Paulo: Ática, 1979-80, p.5.

Por usar uma linguagem mais simples e tratar de temas do dia-a-dia, inevitavelmente, ela agiria *como quebra do monumental e da ênfase*.⁴

É justamente nesta confluência que se inserem as crônicas de João Antônio. Este toma posse desse *canto de página*, que, para ele, não seria descompromissado, para dar continuidade a um projeto de vida – “a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”⁵. Nada foge ao seu olhar perscrutador, atento às coisas da terra, ao que para ele representaria a cultura genuinamente nacional, surgida dos motivos populares – produzida pelo povo ou inspirada nele. Suas crônicas expressam uma obsessão pelo que considera nossas raízes. Ele vai tratar de assuntos diversos, mas mantendo como *fio condutor* seu desejo de retratar o povo, de quem será o porta-voz. Ao fazer isso, realiza-se o que Deleuze e Guattari denominam *agenciamento coletivo da enunciação*⁶ – aquele que fala passa a servir como *agenciador* de uma coletividade que quer representar; fala “em intenção de”.

A partir de um recorte de crônicas publicadas no *PASQUIM*, entre agosto de 74 e todo o ano de 75, selecionei duas em que se verifica esse projeto do escritor: “ZICARTOLA, recordações de uma casa de samba”⁷ e “Nosso compadre, o profeta Nelson Cavaquinho”⁸.

A primeira é dedicada a Cartola:

Cartola era uma alma boa nascida e criada nas rodinhas, forjada no samba, pelo samba, na pureza, sem maiores embelecões. Pontificava, há uns trinta anos. Tinha no espírito aquela renúncia rara da música pela música. Coisa não aprendida em colégio e sem objetivos outros que não viver na sua reserva de sonhos.⁹

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Idem, *ibidem*, p.7.

⁶ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *KAFKA: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

⁷ ANTÔNIO, João. “ZICARTOLA, recordações de uma casa de samba”. In: *O PASQUIM*. Ano VI – nº332 – Rio de Janeiro, 07 a 13/11/75.

⁸ ANTÔNIO, João. “Nosso compadre, Nelson Cavaquinho”. In: *O PASQUIM*. Ano VI – nº277 – Rio de Janeiro, 22 a 28/10/74, pp.14 e 15.

⁹ Idem, *ibidem*.

Compositor da tradicional escola da Mangueira, Cartola seria a expressão mesma da música e do povo – “o entornador de cachaça!” E a definição não se esgota aí: “E era bom, o cara. Bom, de dentro, lá no íntimo. Sensível, dolente, harmônico, humano, musical. Tinha uma linha melódica muito rica e própria(...)”. Essa originalidade será enfatizada, além do jeito envolvente com que prendia a atenção de todos a sua volta – “E um papo e tanto, na batida calejada e nas implicações da malandragem.” E neste contexto teria surgido a “casa de comes e bebes” *Zicartola*:

(...) A mulher providenciava os comes. Ele fazia escorregar os bebes, com sua conversa, seus casos, sua música, sua charla. Era bom, era gente e era muito morro. Não tinha fricote, não tinha quiquiricagem. Ambiente pra lá de gostoso.¹⁰

Para o cronista, esse tipo de contexto era brasileiro autêntico. Mas essa alegria não teria durado muito, porque “baixou fariseu na jogada. Os ‘cronistas’ da noite, os falsos escribas, descobriram *Zicartola*. Os bem comportados descobriram a casa de samba da Rua da Carioca. E acabou-se a história.”¹¹ E acrescenta que aquela espontaneidade, “a onda gostosa do samba pelo samba” não mais marcava aquele espaço. Até as conversas sem compromisso teriam desaparecido. Tudo isso porque a classe média começou a frequentar a casa. Assim, “o aperto do espaço, que era íntimo e quente, ficou chato e incômodo.” E, como consequência:

(...) os ares mudaram e ficou ruço. Em lugar do cheirinho gostoso das cocadas suando no repinicado do samba quente, havia perfume francês e uísque. Tudo passou a ser exibição estereotipada, do tipo “pra turista ver.” Falso, truncado, comercializado. Vendável e vendido. Cego de um olho, capenga de uma perna, furado, contrafação, jogo de interesses. Conversa de Cartola, agora, era dosada conforme a importância social do freguês. Uma falência.¹²

Teríamos, assim, o antes e depois, *cultura brasileira versus* contaminação estrangeira: “o cheirinho gostoso das cocadas” é substituído por “perfume francês e uísque”; o que antes era expressão autêntica, espontânea, agora se transforma em “exibição

¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² Idem, ibidem.

estereotipada, do tipo ‘pra turista ver’ ”. Mas sua indignação não pára aí: “A ratatua de falsos sabidos levou o seu populismo a ponto extremo. Conseguiram até, olhem só, o casamento de Cartola e Zica.”¹³ O casamento, segundo o cronista, seria desnecessário, já que os dois já viviam juntos há mais de quinze anos, classifica como “presepada dispensável”, e acrescenta: “Mas os bem comportados da classe média acharam que não era ‘bem’ apreciar e relacionar-se com um casal amasiado.”¹⁴ Os dois se teriam encaixado no padrão de comportamento pré-estabelecido pela sociedade classe média, o que, para João Antônio, representou degradação total: “Morreu o *Zicartola*, das cores de Mangueira, puro e bom. Nascia mais um explorador da noite.”¹⁵

A segunda crônica selecionada foi publicada um ano antes e dedicada a um outro sambista: “Nosso compadre, o profeta *Nelson Cavaquinho*”.¹⁶ São duas páginas de exaltação pura, em que se narram todas as fases da vida do compositor:

Até o momento, ninguém conseguiu enquadrar o poeta Nelson Cavaquinho. Nem empregos e sinecuras que lhe arrumaram, nem o mundo caítuado das gravadoras e compositores. E o melhor – nem a fama enquadra ou deslumbra o Nelson da cabeleira vistosa, da pele azeitonada e da voz rouca de tanta cerveja gelada.¹⁷

Aí está a justificativa para a admiração que esse compositor provoca no cronista: Nelson teria sido fiel às suas raízes. Essa fidelidade, imprescindível para João Antônio, será explicitada:

Nelson não se aquieta e não sabe de Proust, nem nada. Ele é povo e não se perde. Continua sendo o mesmo compadre, achável nos mais sórdidos botequins desta cidade, cantando e tocando seu violão na vertical, encantando as alas femininas e desnoiteando os entendidos e teóricos. Canta e toca quando quer e, querendo, de graça.¹⁸

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ ANTÔNIO, João. “Nosso compadre, *Nelson Cavaquinho*”. In: *O PASQUIM*. Ano VI – nº277 – Rio de Janeiro, 22 a 28/10/74.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ Idem, *ibidem*.

Nelson seria, segundo esta concepção, uma espécie de *herói da resistência*, já que não se teria contaminado pelos padrões estipulados por teóricos e “entendidos”, e canta, toca sem compromisso – “de graça” –, num jeito bem do povo, com sua espontaneidade característica – “Nelson trabalha seus sambas em qualquer botequim, como Noel Rosa e outros cabras (...), escreve suas letras em papel usado ou de embrulho e compõe até andando de ônibus”.

A idéia de que a *verdadeira cultura brasileira* emerge das classes populares é antiga no Brasil, segundo Renato Ortiz:

Pode-se dizer que a relação entre a temática do popular e do nacional é uma constante na história da cultura brasileira, a ponto de um autor como Nelson Werneck Sodré afirmar que só é nacional o que é popular. Em diferentes épocas, e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à da identidade nacional.¹⁹

João Antonio coloca-se, assim, como *guardião dessa cultura*. Como defensor do povo, defende a existência de uma *sabedoria popular*, que dispensaria qualquer ensinamento, qualquer teorização, já que se expressaria espontaneamente: “Cartola era uma alma boa nascida e criada nas rodinhas, forjada no samba, pelo samba, na pureza, sem maiores embelecos.(...). Coisa não aprendida em colégio”²⁰. Esta seria a tão defendida *cultura genuinamente nacional*. Por outro lado, a comercialização da música contribuiria, também, para a de-sacralização da autenticidade da arte popular (pode-se dizer que ela perderia sua ‘aura’). Segundo João Antônio, é o que teria acontecido com Cartola: “Tudo passou a ser exibição estereotipada, do tipo ‘pra turista ver’. Falso, truncado, comercializado. Vendável e vendido”.²¹ Neste contexto, Nelson Cavaquinho será citado como o exemplo máximo da resistência. Este sambista teria as duas características básicas, que lhe assegurariam a

¹⁹ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: editora brasiliense, 1985, p. 127.

²⁰ ANTÔNIO, João. “ZICARTOLA, recordações de uma casa de samba.” Op. cit.

²¹ Idem, ibidem.

autenticidade: a frequência a ambientes descontaminados por influências externas (“sórdidos botequins”) e a forma como conduz suas atividades artísticas (“quando quer e de graça”).

Antonio Candido, no entanto, rejeita a possibilidade de cultura pura:

Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural. E que, ao contrário do que supunham por vezes ingenuamente os nossos avós, é uma ilusão falar em supressão de contatos e influências. Mesmo porque, num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana e umbilical.²²

É com humor que João Antônio se refere ao caráter miscigenado da cultura brasileira, “afro-luso-tupiniquim”. Mas, para ele, essa mistura, inevitável no processo de formação, deveria ser rejeitada num momento posterior, em que já teríamos uma cultura própria; daí não aceitar a *inter-relação e interação* a que se refere Antonio Candido e que hoje reconhecemos inevitável. A obsessão de que não deveríamos aceitar influências externas levou-o a vociferar contra tudo e todos que pusessem em risco esse anseio. E as crônicas serão usadas como um eficaz instrumento de combate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “O frívolo cronista”. In: *Boca de Luar*. Rio de Janeiro: Record, 1998. 9ª ed.
- ANTÔNIO, João. “Corpo-a-Corpo com a Vida”. In: *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. “Nosso compadre, Nelson Cavaquinho”. In: *O PASQUIM*. Ano VI – nº 277 – Rio de Janeiro, 22 a 28 out 1974.
- _____. “ZICARTOLA, recordações de uma casa de samba”. In: *O PASQUIM*. Ano VI – nº 332 – Rio de Janeiro, 07 a 13 nov 1975.

²² CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ática, 1989, p.154.

- CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Rés-do-chão” (Prefácio). In: Para gostar de ler: crônicas / Carlos Drummond de Andrade ... [et al.]. – Ed. Didática. – São Paulo: Ática, 1979-80.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *KAFKA: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.